

vam para si como filhas (D. 59.119). Num capítulo que pretende dar ênfase à relação mãe-filha, *Mothers and Daughters in a Family Business*, seria mais lógico ter desenvolvido a ligação de Neera e de Fano, ou mostrado como a influência de outros indivíduos é fundamental para a construção do ser adulto e do exercício de uma profissão.

Contudo, no sétimo capítulo, *The Costs and Rewards of Sexual Services*, é destacada a figura de Nicareta, como fornecedora de prazeres associados a parafilias, facto que teria particular importância para a rede comercial em que estaria inserida, uma vez que aumentava os preços dos serviços prestados (p. 168).

Ao longo deste amplo estudo é curioso verificarmos a teoria de Edward Cohen em relação às leis de protecção daqueles que exerciam a prostituição. O autor defende que, pese embora alguma controvérsia entre os académicos, a lei podia proteger aqueles que eram alvo de exploração sexual por parte de terceiros, não só pessoas livres, como também escravos, o que o leva a abordar o conceito de *hybris*, a sua utilização no campo jurídico e qual a sua relação com a vitimização do corpo.

Athenian Prostitution: The Business of Sex preenche uma lacuna existente nos estudos sociais da Antiguidade, designadamente no domínio dos estudos sobre quem exercia o labor da prostituição, na sociedade antiga ateniense. Edward Cohen explora, assim, não só o lado óbvio da prostituição, como também vai mais além, inovando e tornando-se um apoio bibliográfico nos futuros estudos sobre o tema.

Joana Pinto Salvador Costa

Universidade de Lisboa, Centro de História

AGNIESZKA KOTLIŃSKA-TOMA (2015), *Hellenistic Tragedy. Texts, Translations and a Critical Survey*. London, Bloomsbury Academic, 322 pp. ISBN 9781472524218.

Diz a A. no prefácio da obra em recensão que «this book has been written to fill a rather conspicuous gap in the study of the history of ancient drama». Com efeito, em boa hora o fez e, parece-nos, com um saldo altamente positivo. Se o período helenístico, como ela própria nota, é o tempo sobretudo da emergência de um novo tipo de comédia, a Comédia Nova, isso não significa que não tenham existido outros géneros, igualmente importantes, mas que as vicissitudes do tempo e da história, por variadas razões, levaram a que ficassem de algum modo obscurecidos.

É precisamente isso que parece ter acontecido com a tragédia helenística. Já sabíamos que os tempos posteriores a Alexandre tinham também produzido as suas tragédias. Sabíamos inclusive que algumas delas terão tido particular

importância e que um estilo e género poético que começou por ser essencialmente ateniense teria acabado por se difundir pelo mundo antigo com razoável eficácia. Se o sabíamos e o intuíamos antes, o livro de A. Kotlińska-Toma vem trazer argumentos suplementares para consolidarmos a percepção que tínhamos.

Além de dedicar um capítulo, da maior utilidade, aos tragediógrafos e às tragédias helenísticas, com o qual proporciona ao leitor uma perspectiva abrangente do *corpus* possível para o estudo desta matéria (não esqueçamos que conhecemos sobretudo matéria relativa ao período clássico), a A. tem ainda a preocupação de incluir no livro os fragmentos desses materiais, que nos chegaram, propondo ainda traduções para língua inglesa, o que os torna particularmente acessíveis a um espectro de leitores ainda mais alargado.

Os capítulos 1 e 4 abordam temas estruturais e formais da tragédia helenística, ficando-nos a percepção de que teria, talvez, sido útil fundir, ou pelo menos apresentar em seguimento, essas duas partes.

De particular destaque é o capítulo 3, que se dedica à tragédia helenística de tema bíblico. Neste âmbito, é evidente que a famosa *Exagoge* de Ezequiel-o-Trágico assume um lugar de destaque. Tratando-se de um conjunto de fragmentos particularmente significativo e de uma produção feita num contexto cultural igualmente específico, o do judaísmo helenístico, a tragédia de Ezequiel sobre Moisés é um dos temas eventualmente mais estudados neste domínio. Kotlińska-Toma não é excepção, retomando-o e conferindo-lhe a atenção que ele de facto merece. Sabemos que a cultura judaica helenística terá produzido outras tragédias, como a *Susana* de Nicolau Damasceno. Mas não há, para este caso, informação disponível como a que temos para o exemplo de Ezequiel. Estudos anteriores, como os de Jacobson (1983), Holladay (1989) e Lanfranchi (2006), vêm-se agora renovados pela investigação e proposta de nova tradução de Kotlińska-Toma.

Aquele que é talvez o mérito maior desta publicação, além da apresentação dos fragmentos de tragédias helenísticas de que temos conhecimento, com respectivas propostas de tradução em língua inglesa, é precisamente o de mostrar que o género trágico grego não morreu de facto no século V a.C. É evidente que as suas importância e função alteraram-se, ao sabor das conjunturas históricas, mas o género em si manteve-se, com provas dadas, e criando um elo de continuidade para o que sabemos ter sido depois a tragédia romana.

Praticamente desde o estudo de P. Venini («Note sulla tragedia ellenistica», *Dioniso* 16, 1953, 3-26) não havia uma investigação tão aprofundada e com tanta qualidade científica como o que agora temos à nossa disposição por meio da Bloomsbury. A versão inglesa do trabalho de A. Kotlińska-Toma, Professora da Universidade de Wrocław, possibilita o seu acesso a um público mais lato, o que só podemos louvar.

Nuno Simões Rodrigues

Universidade de Lisboa, Centro de História